



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DE CAXIAS DO SUL

Presidente:

Roque Maria Bocchese Grazziotin

Vice-Presidente:

Orlando Antonio Marin

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Reitor:

Prof. Isidoro Zorzi

Vice-Reitor:

Prof. José Carlos Avino

Pró-Reitor Acadêmico:

Evaldo Antônio Kuiava

Coordenador da EducS:

Renato Henrichs

CONSELHO EDITORIAL DA EDUCS

Adir Ubaldo Rech (UCS)

Gilberto Henrique Chissini (UCS)

Israel Jacob Rabin Baumvol (UCS)

Jayme Paviani (UCS)

José Carlos Köche (UCS) – presidente

José Mauro Madi (UCS)

Luiz Carlos Bombassaro (UFRGS)

Paulo Fernando Pinto Barcellos (UCS)

História e Imigração

Vania Beatriz Merlotti Herédia

Roberto Radünz

Organizadores



ESTUDOS ÉTNICOS NO RIO GRANDE DO SUL: ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA¹

REGINA WEBER

Pretendo, nesta exposição, me concentrar nas produções mais recentes da historiografia da imigração e dos estudos étnicos, porque é o campo no qual transito com mais frequência, em termos de leituras, pesquisas e orientações. Esta produção, de alguma forma, coincide com o desenvolvimento de pesquisas em programas de pós-graduação, não apenas nas universidades gaúchas, mas também em outras universidades do País e do Exterior, pois, muitos intelectuais, cujo lócus de pesquisa é o Rio Grande do Sul, obtiveram títulos acadêmicos fora deste estado. Várias dessas considerações estão embasadas num recente guia bibliográfico sobre a produção relativa a grupos étnicos do Rio Grande do Sul.²

Vou denominá-la “nova historiografia” sem pretender dar ao termo um significado de ruptura com alguma produção anterior, pois há muitas continuidades e, certamente, não é fácil estabelecer uma periodização entre uma produção mais antiga e outra mais recente, considerando um recorte que tenha significado teórico e metodológico. Tal tarefa, de resto,

¹ Este texto é uma versão reformulada de palestra dada no III Simpósio Internacional Italo-Brasileiro / XI Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiro (Caxias do Sul, junho de 2010), na mesa redonda “Historiografia da Imigração”.

² O levantamento foi organizado no âmbito do Grupo de Trabalho Estudos Étnicos, vinculado à Associação dos Profissionais de História (Anpuh), Seção Rio Grande do Sul.

dificilmente, poderia ser realizada por um pesquisador individualmente, demandando um esforço de equipe. As considerações que seguem têm um caráter mais ensaístico, porque propõe uma discussão. É nesse sentido, com todas as ressalvas, que sugiro alguns elementos para caracterizar a especificidade desta produção historiográfica mais recente:

1. aumento na quantidade de pesquisas e o correspondente aumento das publicações e apresentações em eventos científicos;
2. diversificação dos grupos estudados;
3. incorporação de novas reflexões teóricas, particularmente sobre etnicidade; e
4. novos enfoques e metodologias.

1) AUMENTO QUANTITATIVO DA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA

O aumento da produção historiográfica acadêmica pode ser associado ao aumento do número de programas de pós-graduação, particularmente nos anos 80 (séc. XX). Os efeitos disso parecem mais visíveis na década seguinte e no início deste século, quando os congressos nacionais congregaram milhares de apresentadores, assinalando que o número de pesquisadores de uma determinada área ou temática aumentou consideravelmente. O que estou sugerindo é que a produção historiográfica sobre a imigração acompanha esse fenômeno mais geral. Para citar um exemplo, O 2º Encontro Regional de História, promovido pela seção rio-grandense da Anpuh em 1986, em Porto Alegre, teve dois dias de duração, e as seções se distribuíam em três salas concomitantes, com trabalhos identificados pelo título em um pequeno folheto. O 3º Encontro, realizado em 1996, após a reestruturação da Anpuh/RS no ano anterior, foi um evento de maior porte e contou com um computador para a emissão de certificados de dezenas de comunicações. Em eventos mais recentes, como é conhecido, a inscrição eletrônica é imprescindível para organizar as centenas de apresentações de trabalhos embasados em pesquisas.

Não se pode desconhecer que as pesquisas sobre imigração, antes dessa data, já tinham seus fóruns específicos, regionais e nacionais. Mesmo sem uma visão de conjunto da divulgação da produção historiográfica mais antiga, pode-se estimar que os congressos dos estudiosos da historiografia alemã são os mais antigos. Em 1966, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizou-se o I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, que teve outras edições nos anos seguintes. A partir de 1974, iniciam-se os Simpósios de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, promovidos bianualmente pelo Museu Histórico Visconde de São Leopoldo e, no ano seguinte, ocorreu o I Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros, que este ano está em sua décima edição. Por outro lado, é necessário valorizar aquelas produções que normalmente denominamos história local. O estudante que iniciar pesquisa sem ter apoio de uma produção que cumpriu a tarefa de recolher dados cronológicos e factuais e que avançou em algumas interpretações, certamente terá dificuldades em pôr sua investigação a andar. Entretanto, é evidente o efeito que programas de pós-graduação, buscando índices de produção para apresentar a instituições financiadoras na sua busca de verbas, e a própria existência dessas verbas, na modalidade de bolsas que exigem dedicação exclusiva à pesquisa, possuem sobre a multiplicação de dissertações e teses. Na área da história, o campo de estudos sobre imigração está em boas condições na disputa por essas verbas, pois se trata de um campo já *tradicional*, no sentido de consolidado, reconhecido. Mesmo técnicos, que muitas vezes fazem triagem de estudos e eventos a serem avaliados, sabem reconhecer o tema como algo não estranho.

No caso do Rio Grande do Sul, o que contribui para o volume dessa produção historiográfica é o fato de haver universidades e instituições correlatas (institutos, museus) instaladas em regiões de colonização por imigrantes, o que é decorrência do fato de essas correntes migratórias terem gerado seus próprios intelectuais. Que simpósios sobre imigração alemã sejam gestados em São Leopoldo e que aqueles sobre imigração italiana sejam sediados em Caxias do Sul, não é fato

que cause estranhamento. Podemos formular um quadro interpretativo buscando observar ligações entre regiões com correntes imigratórias e estudos memorialísticos e universitários que focalizem esse mesmo grupo imigrante. Convém observar que o esquema abaixo é simplificado e operacional. Ele não identifica, por exemplo, produção majoritária, como pode ser visto pelo caso da PUCRS, onde estudos sobre italianos e alemães são em maior número dos que tratam dos espanhóis. Entretanto, a presença de intelectuais e religiosos espanhóis nessa universidade tem efeitos sobre as possibilidades de constituição de acervos documentais e orais, intercâmbios científicos e financiamento de atividades acadêmicas voltadas para esse grupo.³

QUADRO 1
Instituições onde há pesquisas sobre grupos imigrantes desenvolvidas por intelectuais destes grupos

Corrente imigratória	Cidade	Instituição
Alemã	São Leopoldo	Unisinos, Escola Superior de Teologia (EST)
Alemã	Santa Cruz do Sul	Unisc
Italiana	Caxias do Sul	UCS
Espanhola	Porto Alegre	PUCRS
Alemã, italiana e polonesa	Ijuí	Unijuí
Polonesa	Erechim	URI
Italiana	Passo Fundo	UPF

Fonte: elaborado pela autora, a partir do Guia bibliográfico sobre grupos étnicos no Rio Grande do Sul, disponível em <<http://www.gtestudosetnicos.tk/>>.

O raciocínio acima, para o caso dos espanhóis, se inspira na análise de Seidl (2007), que associa a predominância dos estudos sobre alemães e italianos a uma historiografia vinculada a agentes intelectuais

³ Em 1959 foi criado o Instituto de Cultura Hispânica do Rio Grande do Sul, com o apoio de Irmãos Maristas da PUCRS. (VARGAS, 1979, p. 176).

religiosos, denominados pelo autor “mediadores culturais”. Analisando obras de romancistas que se voltaram para seus antepassados imigrantes – poloneses e libaneses, nesse caso – utilizei a expressão “intelectuais étnicos”. (WEBER, 2009).⁴

Em outras palavras, os incentivos às pesquisas, por parte do governo federal, nas últimas décadas, aumentaram, se diversificaram e deram um perfil mais acadêmico ao que já se fazia anteriormente em termos de regional.

2) DIVERSIFICAÇÃO

Para comentar a diversificação dos estudos sobre imigração, podemos tomar, inicialmente, a Enciclopédia Rio-Grandense, editada em 1950 (BECKER, 1956). No volume um, há capítulos específicos sobre imigração açoriana, alemã e italiana, e, no volume cinco, estão estudos sobre poloneses, portugueses, franceses, espanhóis, uruguaios, judeus, libaneses, sírios e outros árabes e um pequeno artigo sobre letos. Somando os artigos dos dois volumes, teríamos 12 grupos de imigrantes em destaque. Não há capítulo específico sobre negros, apenas sobre índios, o que não deixa de ser significativo. Se, comparativamente, observarmos o guia bibliográfico sobre grupos étnicos (WEBER, 2010), constataremos que, aparentemente, o número de grupos não se alterou muito. Foram criadas, aproximadamente, quinze vinhetas para açorianos, alemães, espanhóis, franceses, italianos, japoneses, judeus, palestinos, poloneses portugueses, russos, ucranianos, sírios, libaneses e outros árabes, além de índios e negros e “outros”. Os negros, conforme veremos abaixo, também podem ser considerados imigrantes. Os grandes grupos, aparentemente, permanecem os mesmos, mas há vários desdobramentos que indicam uma diversificação: os ucranianos

⁴ Outra noção correlata que, por sua vez, reporta a determinados enquadramentos interpretativos é a de “lideranças étnicas”. Sobre o assunto, veja-se a coletânea organizada por Bernasconi e Frid (2006).

desmembram-se dos russos, os palestinos (uma imigração mais recente) aparecem discriminados, e, caso publicássemos agora uma atualização da listagem, deveríamos abrir um *link* para pomeranos, cuja identidade, na região de São Lourenço, está sendo redescoberta. (WEBER; BOSENBECKER, 2010).

Examinando os títulos encontrados, podemos observar outras diferenciações em termos de produção historiográfica. (Digo “historiográfica”, mas não ignoro que muitos títulos citados são de autoria de antropólogos, os quais, inevitavelmente, tiveram que recorrer a alguns referenciais históricos.) Inicialmente, pode-se constatar que a produção é díspare. Em que pese a presença – se não de imigrantes, certamente de seus descendentes – dos libaneses, espanhóis, poloneses e franceses no intervalo de cinquenta anos entre a Enciclopédia e o Guia Bibliográfico, a produção sobre esses grupos é relativamente pequena se comparada com os estudos sobre outros grupos, não apenas com relação a alemães, italianos, mas também com relação a afrodescendentes e judeus. Há, também, que se destacar a escassa produção historiográfica sobre uruguaios, ainda que os censos da primeira metade do século XX registrem o peso dessa imigração. O descompasso entre presença numérica na população e o volume de produção acadêmica deve ser interpretado caso a caso.

Quanto aos *espanhóis*, personagens tão centrais quanto os portugueses na história do Sul do País por vários séculos, estiveram sempre presentes na historiografia regional e, justamente por ser muito antiga, sua presença não motivou o *estranhamento*, que costumam gerar os contingentes imigratórios que se estabelecem em espaços específicos (as *colônias*). Mais contemporaneamente, os imigrantes de países hispano-americanos, igualmente falantes de espanhol, inviabilizaram que essa língua fosse tomada como diferenciador étnico específico. O que está sendo sugerido é que os imigrantes espanhóis, de modo similar ao que ocorre, ainda mais intensamente com os portugueses, sempre estiveram mais próximos dos brasileiros do que outros grupos que desenvolveram estratégias de afirmação étnica mais pronunciadas, em

virtude de sua própria condição de *outros*. No caso dos portugueses, mesmo que o número desses imigrantes permaneça expressivo ao longo do século XX,⁵ os estudos sobre um grupo específico, tido como emblemático para a história do Sul do Brasil, os *açorianos*, são os mais numerosos. Essa característica da produção acadêmica parece remeter a um antigo significado de etnicidade, que não se aplicaria aos grupos majoritários, mas apenas aos grupos minoritários, ainda não assimilados. (GLAZER; MOYNIHAN, 1975, p. 5).

Quanto aos poloneses e libaneses, pode-se formular interpretação semelhante para ambos. O estudo dos grupos imigrantes e grupos étnicos, decorrentes de processo migratório, tem sido realizado por uma classe média intelectualizada oriunda dessas próprias camadas imigrantes. Em não havendo essa camada, poucos estudos aparecerão. (Essa postura tem se alterado nos anos recentes, mas os próprios pesquisadores não identificados como pertencentes a uma determinada comunidade encontram dificuldades de acesso a documentos ou depoimentos sobre ela.) No caso dos libaneses, não haveria uma tradição de encaminhar filhos para estudos humanísticos, como ocorre entre os judeus, e, no, caso dos poloneses, um tardio processo de urbanização retardou o aparecimento desses intelectuais. Wierzchowski, no lançamento de seu romance histórico: *Uma ponte para Terebin*, justificou sua disposição em escrevê-lo justamente pela quase inexistência de estudos sobre os poloneses, que, segundo ela, seria o terceiro grupo imigrante em número. (WEBER, 2009, p. 38). Acerca dos franceses, pode-se supor que, como essa imigração não teve reforço de novas levadas nos períodos subsequentes, o grupo não manifestou uma visibilidade que poderia ter motivado historiadores nem deu origem a seus próprios intelectuais. A questão da visibilidade é importante, como

⁵ De acordo com os censos de 1920 a 1960, os portugueses estavam entre os seis principais grupos imigrantes para o Rio Grande do Sul. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, *Biblioteca do IBGE na internet*). Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em: 12 mar. 2009.

pode ser constatado pelo caso dos japoneses de Santa Maria e Ivoti, que, se ainda não foram objeto de pesquisas acadêmicas mais intensas, já foram percebidos diferenciadamente pelos historiadores.

Ainda no que diz respeito à diversificação, temos a incorporação dos africanos como grupo imigrante, imigração “forçada”, mas, ainda assim, uma imigração. Esse procedimento sofreu influência da sociologia e da antropologia e de sua noção de “migrações internacionais”. O historiador Klein (2000, p. 22), no seu artigo panorâmico sobre a imigração para as Américas, contabiliza o tráfico de escravos nos grandes movimentos populacionais.

3) NOVAS REFLEXÕES TEÓRICAS

A imigração tem sido estudada dos pontos de vista demográfico, econômico, político e cultural. Como tem ocorrido em outros temas de investigação, acredito que seja em termos de cultura que tenham ocorrido novas reflexões de um modo mais intenso, para as quais, refletindo o que acontece no campo mais amplo da história cultural, a influência de teorizações das vizinhas ciências humanas, particularmente da antropologia, foram muito importantes. As formulações da etnicidade trouxeram ideias fecundas para os estudos tanto da imigração quanto da escravidão. Questões sobre imigrações denominadas *alemã* e *italiana*, quando ainda não existiam nem a Alemanha, nem a Itália, podem ser abordadas a partir da teorização sobre o fenômeno identitário das identidades *globalizantes* (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1988, p. 144), para citar um exemplo. É por um raciocínio similar que se interpreta a etnogênese de uma identidade negra na América.

Uma consequência dessas trocas interdisciplinares é que não podemos mais supor identidades *essencializadas*. Que o registro do passaporte não define a identidade de um imigrante era fato já conhecido por pesquisadores mais antigos, mas, agora, não podemos mais supor que exista um *italiano*, um *russo* ou um *polonês* que vá ter comportamen-

tos similares em qualquer contexto. Há que se examinar as condições de inserção social dos grupos étnicos em diferentes momentos históricos, como faz Woortmann (2000), mostrando que a identidade dos imigrantes alemães no novo mundo foi construída pelo esquecimento dos ancestrais que ficaram na Alemanha e da própria Alemanha. Aquilo que os colonos esqueceram, uma burguesia urbana, constituída pela elite dos descendentes de imigrantes, passa a reconstruir a partir de 1960: “É o esforço de historiadores, sociólogos e genealogistas que reconstróem o passado, substituindo o silêncio da tradição oral pelos dados dos documentos escritos.” (2000, p. 223).

Outra consequência é o estímulo a que se estude um grupo étnico diferente daquele no qual estamos inseridos. Em suma, tradicionalmente estudada por intelectuais *oriundi* (para usar um termo italiano), sugere-se que um grupo imigrante seja analisado por observadores *externos*, buscando as virtudes do *distanciamento* para a interpretação científica. (Pode-se sugerir que os afrodescendentes estão atualmente percorrendo o caminho oposto: se temas sobre escravidão, libertos e negritude foram quase sempre estudados por brancos, uma classe média negra com vocação acadêmica reivindica, com razão, poder falar sobre seu próprio grupo. É o que se pode deduzir, de modo indireto, das discussões sobre ações afirmativas.) Mas, mesmo no caso de estudos feitos por intelectuais que poderiam ser identificados ao grupo estudado, pelo menos – *grosso modo* – pelo sobrenome, não se pode mais presumir um predomínio de visões idílicas, crítica relativamente frequente à historiografia da imigração.⁶

O dinâmico e intenso debate contemporâneo sobre a *memória* entre historiadores e seus colegas das ciências humanas tem efeitos visíveis sobre os estudos étnicos, tornando-se mais frequente o emprego da noção “memória coletiva” de Halbwachs (1990) e o estudo articu-

⁶ Para mencionar, a título de ilustração, uma publicação recente sobre aspectos menos propensos a visões idealizadoras de imigrantes, temos a obra de Dreher (2010).

lado de temas como patrimônio cultural, comemorações, espaços de memória, disputas de memória.⁷

4) NOVOS ENFOQUES E METODOLOGIAS

Em termos de novos enfoques, há que ressaltar o estudo dos contextos interétnicos, como ilustra o destaque para o tema “relações interétnicas” em dois eventos recentes.⁸ Ainda que os estudiosos continuem se especializando numa ou outra corrente imigratória, passam a olhar também o contexto no qual os imigrantes se inserem, o que os antropólogos denominam “sociedade envolvente”. Ao realizarem uma interpretação sobre este ou aquele grupo, antes de afirmarem especificidades do grupo imigrante que é seu objeto de estudo, o historiador precisa observar o que acontece com outros grupos. A autoatribuição de um *ethos* do trabalho não é específica a imigrantes alemães e italianos, podendo ser encontrada em outros grupos como sírio-libaneses. (SEYFERTH, 1990).

Como qualquer outro campo de estudo no qual se multiplica o número de pesquisadores, os estudos sobre imigração também se tornaram mais específicos, pois a vida acadêmica está sempre a exigir problemáticas originais. Algumas linhas destacam-se nessa diversificação, como os recortes de menor escala. Distanciando-se dos memorialistas e historiadores locais, os novos historiadores argumentam estar reduzindo a escala e remetem à conceituada micro-história. (CONSTANTINO, 2006, p. 49). Em termos de imigração, isso significa, por exemplo, estudar não somente subgrupos imigrantes, como calabreses, vênnetos, pomeranos, judeus-alemães, ucranianos, mas se dedicar a personagens, muitas vezes anônimos, do processo histórico. E não se pode deixar de

⁷ Um exemplo de interpretação que articula várias dessas noções conceituais é tese de Weber (2006).

⁸ No III Simpósio Internacional Ítalo-Brasileiro, acima citado, e no XVII Simpósio de História da Imigração e Colonização, veja-se Dreher, Kunz e Mugge (2008).

observar que os pesquisadores acabam atuando, eventualmente, como promotores de identidades adormecidas. (THUM, 2009).

Outra característica das pesquisas sobre imigração e grupos étnicos das últimas décadas diz respeito ao uso de fontes mais diversificadas com ênfase em aspectos qualitativos. Se os registros dos órgãos oficiais de imigração contêm dados seriais quantificáveis que permitem avaliar contingentes imigratórios, os processos-crime têm fornecido preciosos relatos sobre conflitos interétnicos como mostram os estudos de Monsma (2000) em São Paulo e as pesquisas de Carvalho (2005) e Millen (2008) no Rio Grande do Sul. A expressiva produção dos historiadores do trabalho no estado traz contribuições importantes ao tema *imigração*, pois, no cotidiano de trabalho, determinados conflitos tornam-se recorrentes e se manifestam de forma a deixar registros aos historiadores. Estudando a história operária das duas primeiras décadas do século XX, Bilhão (2005) resgatou os conflitos entre imigrantes espanhóis e trabalhadores nacionais do ramo da construção (pedreiras e calçamentos), que se agudizaram durante a greve de 1917. As teses de Loner (1999) e Silva Júnior (2004) evidenciam o peso da configuração étnica entre as sociedades recreativas e as associações mutualistas nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Loner (1999, p. 116, 398) enfatiza a diluição das entidades étnicas diante do processo de *assimilação e aculturação* em decorrência da integração à nova sociedade, enquanto Silva Júnior (2004, p. 147) aponta à maior longevidade das mutuais étnicas diante das classistas; em comum, ambos os autores recolheram dados muito valiosos aos pesquisadores de grupos étnicos no Rio Grande do Sul.

A metodologia da história oral, com o recurso dos depoimentos e de seu enfoque nas correntes imigratórias contemporâneas, lançou indagações sobre explicações consolidadas acerca das grandes levas migratórias do século XIX. Guerras, pobreza e falta de terras são interpretações tradicionais para o movimento europeu em direção à América. Contudo, não são necessariamente os mais pobres que

emigraram. Na Universidade de Santiago de Compostela, na Galícia, região de onde provém a maior parte dos imigrantes espanhóis para o Brasil e também para o Rio Grande do Sul, há estudos sobre os “retornados” (NÚÑEZ SEIXAS, 2001) e sobre seu papel alimentador de novas imigrações. Mesmo que seja difícil dimensionar porcentagens de imigrantes em termos de condição social, é inegável a preponderância dos mais afortunados economicamente na direção de entidades sindicais. (SILVA JÚNIOR, 2004, p. 206).

Em termos de enfoque, é preciso citar o esforço na realização de estudos comparativos envolvendo não apenas diferentes regiões do País, mas diferentes países. Os historiadores vinculados às duas revistas em Língua Espanhola sobre migrações, a *Estudios Migratorios*, da Universidade de Santiago de Compostela e a *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, publicada em Buenos Aires, já desenvolveram, há mais tempo, reflexões sobre contextos nacionais diversos. E não podemos deixar de citar o livro de Fausto e Devoto (2004), cuja comparação Brasil-Argentina contém capítulos sobre as correntes migratórias. Em uma iniciativa semelhante, com um recorte temático mais específico, Rambo e Kreutz, estudiosos da escola de imigração alemã no Sul do Brasil, têm recentemente avançado em análises comparativas com Argentina e Chile sobre o mesmo processo. (KREUTZ, 2008).⁹

As considerações acima certamente deixaram de lado aspectos importantes da produção historiográfica sobre imigração e etnicidade nas décadas recentes e também apresentam limitações na perspectiva temporal da análise comparativa proposta. Contudo, o objetivo desta reflexão é justamente estimular o debate buscando uma visão mais aprimorada da investigação acadêmica e científica sobre o assunto.

⁹ O XVI Simpósio de História da Imigração e Colonização, cujo tema foi “Leituras e Interpretações da Imigração na América Latina”, veja-se Dreher e Tramontini (2008) é um exemplo, em termos de evento, de um estímulo a esse gênero de reflexões.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Klaus (Org.). *Enciclopédia rio-grandense*. Canoas: Regional, 1956.
- BERNASCONI, Alicia; FRID, Carina. *De la Europa a las Américas: dirigentes y liderazgos (1880-1960)*. Buenos Aires: Biblos, 2006.
- BILHÃO, Isabel A. *Identidade e trabalho: análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896-1920)*. 2005. Tese (Doutorado em História) – UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- CARVALHO, Daniela Vallandro de. *Entre a solidariedade e a animosidade: as relações interétnicas populares (Santa Maria – 1885/1915)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – UNISINOS. São Leopoldo, 2005.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Para lembrar Teresa. In: JUNGBLUT, Airton Luiz (Org.). *Nós, calabreses*. Porto Alegre: EST, 2006. p. 45-64.
- DREHER, M. N.; KUNZ, J. A.; MUGGE, M. H. (Org.) *Imigração e relações interétnicas*. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO, 17., 2008, São Leopoldo. *Anais...*, São Leopoldo: Oikos, 2008. CD ROM.
- DREHER, Martin N. *Degredados de Mecklenburg-Schwerin e os primórdios da imigração alemã no Brasil*. São Leopoldo: Oikos, 2010. v. 1.
- DREHER, Martin N.; TRAMONTINI, Marcos J. (Org.). *Leituras e interpretações da imigração na América Latina*. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO, 16., 2007, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: Oikos, 2007. CD ROM.
- FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada: 1850-2002*. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- GLAZER, Nathan; MOYNIHAN, Daniel P. (Ed.). *Ethnicity, theory and experience*. Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1975.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice; RT, 1990.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Biblioteca do IBGE na internet* (portal). Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 12 mar. 2009.
- KLEIN, Herbert S. Migração internacional na história das Américas. In: FAUSTO, B. (Org.). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2000. p. 13-31.
- KREUTZ, Lúcio. Escolas de imigração alemã na Argentina, no Brasil e no Chile, de 1824 a 1939. In: SIDEKUM, A.; ARENDT, I.; GRÜTZMANN, I. *Campos múltiplos: identidade, cultura e história*. São Leopoldo: Nova Harmonia; Oikos, 2008. p. 153-168.

- LONER, Beatriz Ana. *Classe operária: mobilização e organização em Pelota, 1888-1937*. 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) – UFRGS, Porto Alegre, 1999.
- MILLEN, Carlos E. Grosso. Iguais e Diferentes: estudo das relações interétnicas em grupos populares na cidade de Porto Alegre da virada do século XIX: 1890-1900. *PerCursos*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 14-30, jan./jun. 2008.
- MONSMA, Karl. Histórias de violência: processos criminais e conflitos interétnicos. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 24., 2000, Petrópolis. *Anais...* Petrópolis, 2000. 25 p. Disponível em: <bibliotecavirtual.clacso.org.ar> Acesso em: 3 ago. 2010.
- MUSEU HISTÓRICO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. *Anais do 2º Simpósio de História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: [s.n.], 1976.
- NÚÑEZ SEIXAS, Xosé M. Emigración transoceánica de retorno e cambio social na Península Ibérica: algunas observacións teóricas en perspectiva comparada. *Estudios Migratorios*, n. 11-12, p. 13-52, 2001.
- POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENARI, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Edunesp, 1998.
- SEIDL, Ernesto. Intérpretes da história e da cultura: carreiras religiosas e mediação cultural no Rio Grande do Sul. *Anos 90*, v. 14, n. 16, p. 77-110, dez. 2007.
- SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Ed. da UnB, 1990.
- SILVA JÚNIOR, Adhemar Lourenço da. *As sociedades de socorros mútuos: estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul – Brasil, 1854-1940)*. 2004. Tese (Doutorado em História) – PUC, Porto Alegre, 2004.
- THUM, Carmo. *Educação, história e memória: silêncios e reivindicações pomeranas na Serra dos Tapes*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Unisinos, São Leopoldo, 2009. 384 p.
- UFRGS. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Centro de Estudos Sociais. *Anais do I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros*. Porto Alegre: UFRGS, 1966.
- VARGAS, Iolanda G. *História da sociedade Espanha de Socorros Mútuos de Porto Alegre*. 1979. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 1979.
- WEBER, Regina (Org.). *Guia bibliográfico sobre grupos étnicos no Rio Grande do Sul*. In: GT ESTUDOS ÉTNICOS. ANPUH/RS. Banco de Dados. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.gtestudosetnicos.tk/>>.
- WEBER, Regina; BOSENBECKER, Patrícia. Disputas pela memória em São Lourenço do Sul: uma visão histórica de representações étnicas. *Cadernos do CEOM*, Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, Chapecó, 2010. No prelo.

- WEBER, Regina. Romances sobre inmigrantes y afirmación étnica. *Acta Literaria*, Concepción (Chile), n. 38, p. 27-42, junio 2009.
- WEBER, Roswithia. *Mosaico identitário: as relações entre identidade e turismo nos municípios da Rota Romântica*. 2006. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006..
- WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do atlântico. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 205-238, nov. 2000.